

8. Conclusão

Ao longo desta tese procuramos articular a relação entre palavra-evento e práxis libertadora ligando a teologia de Karl Barth (Palavra-Evento) as teologias que se desenvolvem na América Latina desde a segunda metade do século XX (Práxis Libertadora). No teólogo de Basel a práxis cristã é o caminho para a leitura do Evangelho numa perspectiva de comprometimento com as demandas da sociedade.

A teologia de KB se apresenta desde o início como discurso sobre a revelação no pano de fundo das questões políticas desde que não se pode fazer teologia sem se envolver nos problemas da sociedade. No ano de 1939 ele visitou a França, Holanda e Dinamarca apresentando conferências em várias cidades. A essa altura incomodava o NS porque sua fala se tornava cada vez mais clara ao dizer que “não se pode ser cristão e nacional socialista ao mesmo tempo”. Evidentemente este discurso, um pouco antes da guerra eclodir, causava embaraço para os governos desses países tanto que houve um movimento na Suíça para censurar suas conferências. Ele rejeitou essa atitude e diante do temor de nações ainda não dominadas, mas temerosas do poder da Alemanha profetizou a *hitlerização* da Europa. Para justificar seu repúdio por qualquer forma de censura afirmou que “onde houver uma fala teológica ali sempre estará uma fala política seja implícita ou explicitamente.”⁸²³

Barth parte da palavra-ação, da manifestação de Deus na História do ser humano. Mas esta palavra nunca pode ser um conceito. É antes uma pessoa, um ser divino e humano que em seu evento promove a solidariedade de Deus com o ser humano. Para falar desse Deus não é necessário um discurso acadêmico eivado de fórmulas teológicas, embora ele mesmo não tenha conseguido se livrar desse vício. Antes, é preciso ouvir o Deus que fala por meio da vida, paixão e morte de

⁸²³ BUSCH, Eberhard. *His Life... op. cit.* p. 292.

Jesus de Nazaré. É na vida dele que se encontram as respostas para as crises do ser humano sejam de caráter pessoal ou comunitário.

A gestação de sua teologia se deu a partir de acontecimentos mais ligados ao pastoreio que a reflexão acadêmica. Sua CD tem a preocupação de falar de um nome: Jesus Cristo. Nisso, criticou comedidamente Berkouwer em seu *The Triumph of Grace in the Theology of Karl Barth* ao afirmar que o que sempre quis dizer é que sua preocupação não se centra em conceitos teológicos, mas numa pessoa substantiva: Jesus Cristo. O que importa é o Jesus vivo, o Senhor todo poderoso como testemunhado nas Escrituras, o único mediador entre Deus e os seres humanos. Essa ênfase é sintomática desde que as teologias de KB e da TdL se concentram no fenômeno humano. Para isso procuram resgatar a dignidade humana ou o que Gutierrez chama de “humanização” do indivíduo.

George Hunsinger em um capítulo sobre “TdL e Karl Barth” afirma que é comum nos meios conservadores norte-americanos se unir capitalismo a virtude e Teólogos da Libertação a opressão. Ele afirma que a emergência da TdL nos anos de 1970 serviu para alertar a Igreja nos EUA do comprometimento do governo de seu país, seja direta ou indiretamente, em um sistemático esquema de opressão. Para isso fechou seus olhos para todo tipo de atrocidades cometidas por governos autoritários na AL a fim de manter sua hegemonia ao custo de torturas, desaparecimentos, assassinatos, fome, envenenamento dos camponeses e suas famílias por meio de pesticidas e todo tipo de produtos tóxicos nas plantações.⁸²⁴ Aqui Hunsinger vê uma estreita ligação entre KB e a TdL. Autores como Gutierrez e Juan Luis Segundo se aliam a KB na necessidade de uma teologia que denuncie este *status quo*. Para que a teologia seja íntegra é preciso não se aliar politicamente a qualquer segmento ideológico partidário. Antes, precisa se colocar como parceiro independente que por meio de sua integridade pessoal e acadêmica possa denunciar toda forma de injustiça.

Quando o mundo livre aplaude a política norte-americana de dar suporte a governos ditatoriais ao custo de se beneficiar comercialmente de seus produtos parece sugestivo associar essa atitude àquela denunciada por Barth quando 93 intelectuais alemães sancionaram a política de agressão da Alemanha contra a Bélgica e a França. (Hunsinger).

⁸²⁴ HUNSINGER, George. *Disruptive Grace*. op. cit. p. 44.

A práxis cristã da denúncia profética na AL promoveu o continente a um *locus* teológico com identidade própria. Evidentemente se apoiou em autores como KB, Bonhoeffer, Metz dentre outros. Não mais o estudo massivo das ortodoxias antigas para se promover uma reflexão abstrata da realidade. Esse estudo continua sendo relevante, diga-se de passagem. O teólogo e a teóloga da AL devem dialogar com todas as épocas da história em busca de fundamentação para sua crítica social. O que se viu na AL desde os anos de 1960 foi uma reviravolta completa na forma de fazer teologia. Guardada as proporções pode-se ligar este período de ruptura com as formas clássicas de fazer teologia com aquela vivida por KB no período da segunda década do século XX. Aliás, isso pode ser visto numa perspectiva hegeliana, a partir do momento que se associa o questionamento social e político a uma mudança de paradigma na forma de se relacionar com o presente. Foi assim com Lutero, Descartes, Schleiermacher, Karl Barth e a TdL cuja amostragem foi tratada nesta tese por meio dos quatro teólogos e teóloga tomados como modelo do modo do que fazer teológico.

A primeira parte da pesquisa procurou apresentar KB em meio a sua formação inicial, influências marcantes e atuação política. Sua sólida base reformada permitiu que tratasse da teologia do século XVI sem que isso fosse impedimento para a crítica honesta da teologia dos reformadores. Era um teólogo reformado mesmo que autores como Cornelius Van Til não concordasse com isso. O fato é que lia criticamente os autores com quem dialogava. Percebe-se, no entanto, o respeito com que tratava com esses. Seu maior rival teológico foi Schleiermacher e no entanto falava com profundo respeito com relação ao teólogo de Berlin. Rejeitava dele a concepção de Igreja como corporatividade, como entidade possuidora da revelação e como comunicadora da vida de Cristo na história. Além disso rejeitava também o individualismo religioso que está por trás dessas afirmações. Afirmava que Schleiermacher substituiu a palavra, o evangelho e Cristo por religião e piedade.

No entanto foi no socialismo religioso que encontrou o principal fermento para promover sua mudança de perspectiva. É devedor tanto a Herrmann Kutter e Leohard Ragaz quanto aos Blumhardts - pai e filho. Estes, não eram homens confinados à academia, antes, eram indivíduos alinhados com um cristianismo de linha social. Os Blumhardts de quem falamos de forma abundante no decorrer dessa tese foram aqueles que lhe ensinaram o significado do seguimento de Jesus

Cristo. Aqui a sociedade foi vista como uma parábola do Reinado de Jesus Cristo entre os seres humanos. Foram estes homens que o fizeram se aproximar do socialismo, tanto que sua última palavra, pronunciada ao telefone na noite do dia 9 de dezembro de 1968, ao se despedir de seu amigo Eduard Thurneysen foi: “Ele reinará”, uma afirmação de Christoph Blumhardt.

No capítulo quatro da primeira parte se apresenta a eclesiologia de KB. A Igreja vista como comunidade (*Gemeinde*) que é a associação dos eleitos por Deus em Jesus Cristo. Ela é a comunidade dos fieis que têm sido chamados para a existência por Deus. Ele afirma que a Igreja não possui Jesus Cristo pois Ele é a eterna Palavra de Deus anunciada a ela. Nessa comunidade, eleição e rejeição pertencem a todas as pessoas pois a predestinação não as divide mas as unem, por isso é fonte de paradoxos. Nela se encontram Esaú e Jacó. Todos são Esaú mas no momento da revelação todos são Jacó. No tempo todos são vasos de ira, mas na eternidade são vasos de graça. A eleição da Igreja somente ocorre por meio de uma atitude de fé. Não pode ser observada empiricamente.⁸²⁵ Mas é nela que se anuncia o Evangelho. É a partir dela que palavras de alcance infinito são anunciadas por um homem ou mulher que se apresenta como portador desta mensagem.

Igreja não é instituição. É comunidade viva, portadora da mensagem da revelação. Por isso é edificada pelo próprio Deus que age por meio do seu Espírito. Ele é o seu construtor. Seu caráter extrapola a dimensão humana. Por isso “as portas do inferno não podem prevalecer contra ela.”

O capítulo cinco que inicia a segunda parte da tese tratou dos aspectos formativos da TdL. Foi necessário apresentar o fermento que animou o surgimento de uma nova forma de fazer teologia. A desilusão com as doutrinas desenvolvimentistas do Primeiro Mundo produziu o espaço para uma pastoral voltada para o ser humano empobrecido pelo sistema de exploração. Aqui se consolida uma nova hermenêutica que contempla a necessidade de se fazer teologia a partir do centro de uma fé comprometida com o compromisso revolucionário. Esta hermenêutica provoca mudanças na análise da realidade. Não mais a busca do sentido do texto original pura e simplesmente como no caso do método histórico crítico. O que se pretende é analisar o texto a partir da realidade

⁸²⁵ KIMLYN, J. Bender. op. cit. p.33.

política e sócio-econômica. Nesse sentido há uma aproximação com o marxismo no que diz respeito ao uso de sua abordagem sócio-analítica da sociedade. Só que essa análise parte do olhar das estruturas políticas e sociais desta sociedade. O autor procura mostrar que não há uma dependência da teologia em relação à filosofia marxista. Há uma proximidade e esta é metodológica. Ao dar preferência a uma ideologia, a marxista, afirma que isso se deve ao fato de que ela permite uma análise científica e certo número de hipóteses verificáveis com relação às condições possíveis em determinados momentos e situações históricas, condições que, adequadamente modificadas, corrigidas e ampliadas oferecem meios suficientes para colher a nossa situação histórica.

O capítulo seis apresenta por amostragem a teologia de quatro teólogos e teóloga da AL comprometidos com o projeto de humanização do homem e da mulher do continente. Miguez Bonino apresenta inicialmente a influência da teologia dialética na reflexão iniciada a partir dos anos de 1940 especialmente de KB. Mas ele mostra que os teólogos e teólogas da libertação não ficaram presos a essa concepção teológica. Esta serviu de ponto de apoio para a reflexão que se iniciou no continente. Miguez Bonino procura destacar a relevância que estes teólogos tiveram para a formação da teologia latino-americana. Por outro lado o projeto de socialização do espaço político é para Miguez Bonino um caminho viável no sentido de permitir que na América Latina prospere uma relação social mais justa e que contemple a necessidade do povo pobre do continente.

Em Richard Shaull encontramos a politização da teologia no continente. Seu interesse junto a grupos estudantis da Colômbia e do Brasil se concentrava no propósito de levá-los a se inserir na sociedade de modo a promover uma releitura da prática eclesial do protestantismo ortodoxo. O que ele encontrou foi uma forte resistência por parte do clero das igrejas protestantes às quais serviu. A lei era a de praticar a fé tomando distância das questões políticas. Evidentemente que ele e muitos outros compreendiam que esse discurso não era gratuito. Atendia a interesses de classes porque permitia a manutenção de determinadas estruturas sociais. A leitura que se fazia era a de separar fé e política com o discurso que ao fazer assim estava se separando corretamente Igreja e Estado. Este sofisma não era facilmente percebido pelas comunidades eclesiais. Por isso Shaull propunha a necessidade de uma nova forma de proclamação do Evangelho. Primeiro o que ele chama de indigenização da mensagem. Para isso é preciso levar em conta a

pobreza do continente e todas as formas de exploração a que são submetidas as populações da AL. Segundo, a promoção de uma reestruturação da vida social. A ênfase deveria cair não no bem estar do indivíduo mas na qualidade de vida da comunidade. A própria Igreja no continente precisaria se adequar a essa nova realidade por meio de um processo de aprendizagem, o que exigiria dela uma grande dose de humildade. Isso acontecendo ela exerceria uma verdadeira diaconia pois buscaria modos novos de promover o serviço cristão e um testemunho mais digno.

Em Gustavo Gutierrez sobressai a questão do método da nova teologia que se construiu na AL. Inicialmente ele foi influenciado pela teologia desenvolvimentista, mas logo percebeu que ela não servia para os anseios dos povos latino-americanos pois, ao invés de resolver os problemas, os agravava. Em Gutierrez a palavra “libertação” adquire um sentido mais rico porque se torna eminentemente um termo político. É evidente que o termo libertação é apropriado para todas as formas de escravidão. Tanto pode ser libertação do pecado quanto de uma forma de opressão. No entanto a nova teologia que emerge na AL enfatiza esse último sentido. É necessário levar em conta a situação concreta em que vivem as populações do continente. A TdL deve se preocupar com a práxis histórica dessas populações e os teólogos e teólogas que se iniciam nessa nova forma de pensar teológico deverão se concentrar na busca por um conhecimento profundo dessa práxis recorrendo às ciências sociais, a antropologia, história, política e economia. É nesse contexto que se insere a reflexão teológica que alimentará essa práxis com novas formas de pensar a fé.

No entanto Gutierrez mostra que essa reflexão é um momento segundo na vida comunitária. Primeiro é a experiência da fé, a prática eclesial, a vivência cotidiana do Evangelho e só depois é que se tem espaço para a reflexão crítica dessa experiência. Seguindo os passos de Karl Barth afirma que a teologia é momento segundo no processo de compreensão da realidade. É aqui que se concretiza o método prática/teoria tão caro ao teólogo de Basel.

Finalmente, em Elsa Tamez, teóloga biblista, encontramos a releitura dos conteúdos clássicos da dogmática de KB numa perspectiva da nova teologia que se solidificou na AL. Tamez segue a hermenêutica de Barth, aprendida de Schleiermacher, de fazer uma interpretação do autor bíblico se utilizando do procedimento de entrar na mente do autor (exegese psicológica). Por isso, ao

tratar da doutrina da justificação pela fé afirma que Paulo transita do universo do individual para o coletivo ou seja, ainda que Paulo fale da justificação numa perspectiva do indivíduo, seu objetivo é primordialmente mostrar sua necessidade de passar pelo processo de inserção na comunidade. Isto se dará efetivamente através do batismo. Em sua análise, parte do princípio que a finalidade da justificação é que a comunidade, por meio de seus integrantes, pratiquem a justiça. Mas afirma também que a justificação é antes de tudo um processo de humanização do ser humano destituído de sua cidadania. Ela conclui que, ao se promover a justificação na pessoa de Jesus Cristo, Deus está se apresentando também como Aquele que é solidário com este ser humano que se sente marginalizado e despossuído. O que Barth chama de justificação ela chama de solidariedade.

O capítulo sete procura fazer uma síntese da teologia de KB com a TdL. Aqui se encontra seu pensamento revisto a partir da situação da reflexão na América Latina. Em Igreja e Sociedade na AL o autor procura recuperar os objetivos do grupo de pessoas que criou o ambiente para se refletir acerca das mudanças necessárias para se implementar uma nova metodologia teológica no continente. Pode-se dizer que o movimento ISAL a partir da iniciativa de pessoas e igrejas é o correspondente protestante da iniciativa do CELAM no âmbito católico. Evidentemente que este último reflete a posição da Igreja Católica e tem o caráter oficial da representatividade de um corpo eclesial enquanto que ISAL representa o esforço coordenado por pessoas em sua maioria ligadas a denominações protestantes sem que isso tenha sido determinante.

Aqui se encontra a disposição de se refletir sobre a práxis histórica. Esta reflexão se faz a partir do trabalho pastoral que procura levar o homem e a mulher a perceber quais as exigências e quais as responsabilidades de sua fé. Neste ponto a semelhança com KB fica evidente visto que este procura também refletir sobre uma prática pastoral que já está em andamento. Esta reflexão só faz amadurecer as ações mas não é fator determinante de sua funcionalidade.

Em Igreja e Mundo emerge a dogmática de KB ao mesmo tempo em que se oportuniza o ambiente para se pensar a justificação e a santificação numa perspectiva latino-americana. Aqui se contempla a dimensão missiológica da Igreja. Esta, em sua relação com Deus, se volta para o mundo com o objetivo de exercer sua função. Em uma perspectiva dialética afirma que o poder de Deus

irrompe do alto atingindo o mundo perpendicularmente. Esta ação visa promover a reconciliação de todo o indivíduo com Deus por meio de Jesus Cristo. Essa atitude não é o fim da história mas seu pleno cumprimento.

Desde que a Igreja se apropria do conteúdo desta revelação, se torna apta a mover-se como porta-voz do tempo novo que se manifesta em Jesus Cristo. A esperança escatológica não é, seja em KB seja na TdL, uma espera passiva. É antes um evento pelo qual somos chamados a promover as condições concretas e históricas por meio das quais o reino será inaugurado em plenitude.

Esta atividade é a própria missão da Igreja que não pode ser vista como uma atividade missionária no sentido de promoção de ações de cunho de evangelização e alcance de povos não alcançados. É algo muito mais amplo porque envolve toda a ação da Igreja no mundo. Por isso ela precisa começar com a força do Espírito que veio ao mundo com o propósito de capacitar, habilitar e fortalecer a comunidade para o exercício de sua missão. Barth procura mostrar que a doutrina da reconciliação promove a ação da Igreja no mundo. Ela abriga todo o projeto salvífico de Deus. Esta salvação não é apenas uma realidade escatológica. Pretende alcançar o ser humano em meio às suas lutas em busca de justiça e promoção da dignidade.

O Reino inaugurado em Jesus e a partir de sua mensagem ainda não se estabeleceu em plenitude. Ele já “é chegado” mas ao mesmo tempo, aguarda o tempo de sua consumação plena. Mas são esses entretempos, exatamente aqueles que se apresentam como propícios para que a Igreja promova o Reino de Deus tornando-o plenamente realizável através de ações que levem a concretização da justiça e do direito. Essa consciência para a justiça foi desenvolvida na AL a partir de um grave quadro de opressão política e econômica. Os primeiros sinais começaram a ser dados no continente de forma sistemática desde os anos de 1950. Isto fez surgir uma pastoral comprometida com o projeto de Reino de Deus que se apresenta nas Escrituras particularmente através da pregação dos profetas pós-exílicos (Trito-Isaías, Zacarias, Malaquias).

O trabalho da comunidade eclesial é ensinar a cada homem e cada mulher que em Cristo somos vocacionados para a salvação. É proclamar que Deus em Cristo reconcilia o mundo consigo mesmo. Ele, Jesus, como substituto perfeito para esta reconciliação, é o agente e o paciente desta obra, ou seja, Ele é a causa e o seu efeito, começo e fim desta tarefa.

Em antropologia de comunhão e libertação o autor apresenta uma possibilidade de convergência entre a teologia de KB com a TdL. Inicialmente mostra que tanto Barth quanto os teólogos e teólogas da libertação procuram deixar para trás o dualismo platônico que torna a existência do ser humano uma abstração desprovida de realidade. Para superar essa tendência, torna-se necessária a promoção de uma teologia que procure valorizar o indivíduo enquanto pessoa humana em sua existência concreta e histórica.

Barth foi um teólogo querigmático. Isto significa que acentuou o valor da proclamação no universo da revelação. Ao se preocupar com a essência da mensagem mostra-se consciente da seriedade da pregação que procura estar comprometida com a vida no cotidiano das pessoas. Identicamente a mensagem da libertação entre os teólogos da TdL procura contemplar a exigência de uma mensagem atendida com o grito dos oprimidos e seu clamor por justiça. Esta mensagem denuncia o pecado da pregação desencarnada e destituída de conteúdo social. Barth situa a Igreja como arauto da Palavra de Deus dirigida ao homem e a mulher de cada época ao mesmo tempo em que é também arauto do reino que irromperá com Ele na restauração de toda a criação.

No último tópico, sobre ação e práxis, procuramos relacionar estas duas formas de se promover a justiça. Denominamos a prática pastoral de KB de ação profética. Este sentido está muito mais ligado às origens bíblicas do termo que às interpretações modernas. O termo se banalizou no vocabulário das igrejas e seitas contemporâneas, se tornou um chavão, expressão que se articula no vocabulário dos movimentos carismáticos modernos.

Barth exercita a ação profética como o modo de Deus agir no mundo por meio da comunidade que recebeu a efusão do Espírito Santo. Suspeitamos que os teólogos e teólogas latino-americanos/as colocaram em prática o método barthiano de viver o Evangelho de forma consciente e inconsciente. A experiência de Safenwill reduplicou-se em centenas de comunidades da AL. O clamor das operárias têxteis da pequena vila suíça que levou Barth a reler o Evangelho e produziu seu Comentário aos Romanos ecoou por todo um continente sofrido levando a Igreja e se reprogramar para atender as demandas de um novo tempo.

Evangelho é ação. É isto que está implícito na CD de KB. Sua ênfase é a orto práxis e não a ortodoxia. Ele não produziu uma dogmática para estabelecer conceitos teológicos ainda que tenha tratado de muitos deles. Sua produção se

concentrou em um nome. Produziu milhares de páginas para falar desse nome. Mas disse certa vez que a CD “não era uma conclusão mas um início de conversa.” Em meados de novembro de 1968, deu sua última declaração pública numa transmissão para uma rádio suíça. Ele afirmou: “a última palavra que tenho a dizer como teólogo e como homem político não é um termo como ‘graça’, mas um nome: Jesus Cristo. Ele é graça. É o último, além do mundo, da Igreja e da teologia.... O que eu tenho tentado dizer durante toda a minha vida é: não há salvação em nenhum outro nome.”